

Denise Stoklos apresentou sua pesquisa sobre performance e dramaturgia denominada Teatro Essencial, metodologia de trabalho desenvolvida por ela com o intuito de provocar uma conexão entre arte e vida. A atriz refletiu sobre suas produções e seu processo de criação elucidando como estes englobam um sistema que consiste na somatória entre corpo, voz, pensamento e memória da experiência.

Teatro Essencial

Relato da palestra com Denise Stoklos¹

Denise Stoklos apresentou sua pesquisa sobre performance e dramaturgia denominada Teatro Essencial, metodologia de trabalho desenvolvida por ela com o intuito de provocar uma conexão entre arte e vida. A atriz refletiu sobre suas produções e seu processo de criação elucidando como estes englobam um sistema que consiste na somatória entre corpo, voz, pensamento e memória da experiência.

Resumidamente, o processo de criação do Teatro Essencial envolve o ator que escolhe o seu texto, dirige, desenvolve a coreografia (“porque ninguém melhor do que ele para saber como seu corpo funciona”), propõe a iluminação e a sonoplastia e, às vezes, faz a produção. Ou seja, uma pessoa concentra a execução de várias funções. As peças do Teatro Essencial não são ficcionais, não há o aspecto fantasioso da criação de figurinos, cenários e impostação da voz para a representação de uma personagem. Por exemplo, se está lendo um texto do Padre Antonio Vieira, não usa batina, nem usa sotaque de época. Trata-se da interpretação de um texto, de como o ator o lê, de como aplica a sua visão de mundo, como o compreende e justifica a importância de observar aquilo.

De acordo com Denise, no Teatro Essencial procura-se “exercer o profundo amor de querer ser feliz, (...) fazer a nossa caminhada que contenha a inspiração pela liberdade”. É baseado nestes dois elementos – amor e liberdade – que o ator coloca-se nesta cerimônia de REapresentar para o público algo que pertence à natureza humana, algo que todos reconhecem, pois diz respeito a suas emoções mais básicas. Mas como esse tipo de ação será configurado como teatro? A partir da fricção entre ator e público: é a leitura da plateia que vai legitimar que ali acontece uma cena de teatro. E cada um poderá perceber diferentes experiências de acordo com sua subjetividade.

É essa possibilidade de se colocar em relação por meio da emoção que aproxima o ator do Teatro Essencial a públicos de diferentes nacionalidades (Denise já se apresentou em inúmeros países). A atriz citou como exemplo a temática da falta de assistência à saúde dos aposentados aqui no Brasil. Na Finlândia não há esse problema, mas o seu público é passível de metaforizar essa questão para algo que lhe diz respeito: como a vida pessoal é encaixada no sistema social que cada um pode e deve mudar, por exemplo².

O processo de criação de Denise envolve um tempo expandido. A atriz relaciona textos em con-

1. Denise Stoklos é atriz, diretora e autora teatral, criadora e professora do método “Teatro Essencial” (disciplina que lecionou na New York University, no Departamento de Performance Studies), que tem como base aquilo que o ator e todos possuem: corpo, voz, pensamento/intuição.

Atualmente, a artista vem desenvolvendo ampla pesquisa a respeito dessa transmissão de experiências. Os interessados podem acessar seu site (www.denisestoklos.com.br), deixar e-mail e brevemente receberão variado material informativo (inclusive gracioso). O material é destinado não somente a atores, mas a todos que se interessam pela luta por amor e liberdade, do qual seu teatro trata.

2. Sobre esta questão, veja o relato da palestra de Peter Pál Pelbart e suas discussões sobre o “poder sobre a vida” e as “potências da vida”.

junto com a experiência de estar lendo tais autores, e em algum momento percebe-se pensando o ritmo do espetáculo teatral. “Começo um espetáculo sem saber que ele é um espetáculo. Estou sempre lendo, vendo filmes, permanentemente observo... Minha disciplina é arregal, a partir do que um espetáculo demanda”.

Para Denise não há tradução, em sua concepção literal, no Teatro Essencial. A sua metodologia não propõe a cópia-representação de gestos convencionais. Cada ator “vive compreendendo o texto e realizando a sua relação já com a gravidade, o meu corpo está vivo na gravidade”. Mas essa dramaturgia não se restringe a sua ação física, e considera o que se desenvolve a partir da relação emocional com o que está acontecendo. O gesto que é visível ao público é aquele que ocorre a partir do deslocamento do ator na gravidade e é essa ação que o diferencia. A atriz exemplifica: se ela se separar com força da gravidade, fará um gesto forte; se ela carinhosamente se relacionar com a gravidade, emanará um gesto de carinho. Essa reação do corpo à gravidade ocorre principalmente pela voz. Se um texto deixa o ator indignado, sua respiração guiará sua voz por meio da raiva. E, afirma, “dizem que teatro é de ‘mentirinha’, o nosso é de ‘verdadona’ ”.

A atriz retomou a ideia da criação do teatro na Grécia sob a perspectiva do pão e circo. Atualizou-a não sob o viés do entretenimento vazio, mas como uma possibilidade de reaperatar o que vivemos, uma oportunidade de rever o que já aconteceu em busca de outras ativações. Por essa perspectiva, Denise defendeu uma dimensão política para o Teatro Essencial compreendendo-o como uma negação do sistema de entretenimento tradicional: “você não precisa ficar esperando alguém te chamar” para participar, “é só fazer”, seja em atuações solo ou coletivas. Observou a unicidade de possibilidades que cada um pode desenvolver no palco: “cada proposta de cada um vai ser imperdível, só ele que tem essa relação de corpo, só ele que tem essa voz”.

Ao longo das suas peças, Denise relatou que desenvolve formas de “combinar” com o público as convenções que vai criando. Nesse sentido, cada vez que “vive” um personagem, a plateia o interpretará também, mas cada um do seu jeito, a partir do desencadeamento de cada memória. Denise comentou o caráter do “ao vivo” do teatro, característica intrínseca à sua existência, que potencializa a efemeridade do agora. Nesse contexto em que o espectador é convocado a construir significados sobre a obra, pode-se fazer um paralelo com as experiências realizadas pelos artistas visuais como Hélio Oiticica, Lygia Clark e Lygia Pape, entre tantos outros, que nos anos 1960 passam a compreender a arte em suas intersecções com a vida. Ou, como afirmou Paulo Miyada no debate desta palestra, a fala de Denise reverberou naquilo que o crítico Mário Pedrosa chamava de “exercício experimental da liberdade”, proposição usada para discutir muitas dessas produções artísticas dos anos 1960 e 1970. Os artistas daquela época, escrevia Pedrosa³, “não fazem obras perenes, mas antes propõem atos, gestos, ações coletivas, movimentos no plano da atividade-criatividade”.

3. IN: Gullar, Ferreira (coordenação). Arte brasileira hoje. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973, p. 64.